



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

---

## ABERTURA DO XXII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE INDÚSTRIAS

Rio de Janeiro, RJ  
27 de novembro

---

O XXII Congresso Latino-Americano de Indústrias visa um salto qualitativo que se poderá dar com a expansão do mercado regional, fruto da integração.

---

*25 de novembro — O Governo divulga 13 decretos-leis e 22 decretos, regulamentando parte das medidas de ajustes do Plano Cruzado. Elas destinam-se principalmente a conter o consumo, estimular as exportações e limitar os gastos públicos.*

*27 de novembro — Ao participar do encontro de indústrias latino-americanas, o Ministro da Fazenda Dilson Funaro, declara que o congelamento de preços será mantido a partir de fevereiro de 1987, quando completa o primeiro ano do Plano Cruzado, e que não serão mais tomadas medidas fortes de ajuste ao programa.*

*— Protestos contra o Cruzado II, em Brasília, sob a liderança da CUT e CGT, acabam em tumulto, quebra-quebra e confronto com a polícia, paralisando a cidade. Segundo o porta-voz presidencial, «o governo vai defender a ordem em qualquer circunstância». O Presidente acompanhado de todos os ministros, assiste a missa pelo dia de ação de graças, na Catedral de Brasília, garantido por tropas do exército. À noite a situação se acalma.*

*28 de novembro — O Ministro Paulo Brossard vai à televisão e adverte o país sobre a necessidade de manutenção da ordem, não havendo lugar numa democracia, para «badernaços».*

---

**É** com grande prazer que abro este XXII Congresso Latino-Americano de Indústrias. Trago aqui uma mensagem de esperança no futuro da América Latina.

Os empresários e industriais latino-americanos podem pensar grande. Vivemos um momento histórico em que, em nossa região, é possível evitar que uns cresçam em detrimento de outros; que algumas indústrias se fortaleçam com a debilitação de outras. Pois, na realidade, podemos saltar para um novo patamar de produção e de renda. Esse salto qualitativo é viável: ele poderá vir com a expansão do mercado regional interno, fruto da integração.

É com a unidade e com a integração que poderemos reforçar a América Latina como pólo econômico e como um centro com voz própria no sistema mundial de poder.

Entre os países latino-americanos nenhuma rivalidade, nenhuma disputa, nenhuma competição, vale mais que sua vocação histórica para a integração, instrumento da paz e do desenvolvimento de nossos povos.

Se nós tivermos a coragem de ampliar o mercado para nossas indústrias pela liberalização do comércio dentro de nossa região; se nós ousarmos aumentar nossa capacidade produtiva pela conjugação de esforços de nossos países; se formos criativos também nos mecanismos financeiros e mesmo em entendimentos monetários entre nossos países, evitando o uso de divisas em nossas trocas comerciais, a América Latina poderá encontrar, com seu próprio esforço, soluções para seus problemas.

É indispensável que nós vejamos uns aos outros como realmente somos: como países em desenvolvimento que podem entre si estabelecer uma relação horizontal, de igual para igual. Assim, sem desconfianças, com base em interesses recíprocos, podemos somar nossos esforços em proveito de todos e de cada um.

A iniciativa adotada há alguns meses entre o Brasil e a Argentina, à qual se juntou o Uruguai, pode desempenhar um importante papel histórico.

Já hoje posso anunciar que essa iniciativa saiu das palavras para ser uma realidade de fato. O nosso comércio bi-

---

lateral com a Argentina, no ano passado, processou-se em termos de 800 milhões de dólares nos dois sentidos. Podemos já afirmar que esse ano, com as medidas da integração, esse comércio será da ordem de 2 bilhões de dólares nos dois sentidos.

O exemplo do Mercado Comum Europeu é a prova de que iniciativas desse gênero podem ter importantes desdobramentos. Também naquele caso ocorreu um processo gradual, iniciado num âmbito restrito de países, e que hoje beneficia toda a Europa Ocidental.

O Brasil estará sempre disposto a analisar com todos e cada um dos países da América Latina fórmulas e mecanismos que nos levem na direção do fortalecimento de nossas economias e da expansão do comércio dentro da região. Muito do que compramos fora da região, poderemos comprar dentro da própria América Latina, se concebermos, em bases recíprocas, instrumentos comerciais adequados a esse propósito.

Os processos políticos pelos quais passam grande número de países em nossa região são uma razão a mais para crermos na possibilidade de darmos um salto qualitativo em nossas economias. A democratização libera demandas das classes mais pobres e implica sua incorporação plena às vidas de nossos países. Populações até há pouco tempo esquecidas e marginalizadas passam a participar da produção e do consumo.

No caso do Brasil, reitero que a eliminação da miséria e a atenuação da pobreza são objetivos declarados da Nova República. A nossa economia não pode continuar sendo uma economia de elites. Nosso mercado não deve dirigir-se apenas a um percentual reduzido de nossa população. A nossa economia e o nosso mercado interno devem ser de todos os brasileiros.

Isso não apenas é instrumento de uma maior justiça social. Mas também dará vigor novo a nossas indústrias, assim como poderá servir de base à multiplicação das iniciativas.

É natural que a prioridade externa do Brasil seja a América Latina.

---

Nossa visão da ordem mundial é comum. Sabemos todos que a ordem econômica do pós-guerra, que ainda hoje rege as relações econômicas internacionais, é injusta. Queremos revê-la. Desejamos também ter uma voz mais ativa na ordem política mundial, que hoje cristaliza o poder hegemônico das grandes potências.

Além disso, nossa apreciação da crise econômica internacional é uma apreciação convergente. Temos interesses semelhantes nas áreas comercial e financeira. Sabemos que há íntima relação entre os problemas internacionais dessas duas áreas. É comum nosso esforço pela realização de uma negociação política sobre a dívida externa, bem como pela eliminação do protecionismo dos países industrializados.

Temos as mesmas aspirações de desenvolvimento tecnológico, reivindicamos uma maior transferência de tecnologia dos países desenvolvidos aos países em desenvolvimento e estamos decididos a aumentar também nesta área a cooperação horizontal na América Latina.

Mas, o mais importante, neste encontro de hoje, é que não estamos aqui para lamentar a falta de solidariedade internacional. Os industriais latino-americanos não vieram aqui apenas para criticar a falta de cooperação dos países desenvolvidos para a superação de nossos imensos problemas. Nem sequer para constatar a falta de visão dos que esquecem que o desenvolvimento de nossos países, que a solução de nossos problemas sociais, são um precioso instrumento de fortalecimento econômico para os próprios países desenvolvidos e para o sistema econômico internacional.

Está aqui reunido um número expressivo de industriais latino-americanos, pela convicção de que nós podemos fazer algo em nosso próprio proveito. O fortalecimento das indústrias latino-americanas, o aumento de seus negócios na região, beneficiam a toda a América Latina.

Devemos estar abertos à conjugação de esforços em áreas novas, no desenvolvimento de tecnologias e na valorização de produções culturais próprias, fazendo-as mais presentes em toda a região. Buscar áreas produtivas em que possamos mostrar uma vantagem sobre outras regiões.

---

Esse XXII Congresso não apenas propiciará a oportunidade para uma troca de idéias entre industriais de diferentes países e para apresentação de sugestões que possam levar ao desenvolvimento regional. Ele permitirá também a realização de contatos visando concretamente à promoção de negócios.

Dos governos depende apenas a formalização dos instrumentos que possibilitem percorrer esse longo caminho em direção à integração. Depende somente a expressão clara da vontade política de nossos povos. E nossos governos já deram os primeiros passos. Mas é da sociedade, e do papel proeminente dos industriais, que depende o êxito das iniciativas que já estão em curso.

Uma coisa eu posso garantir. O nosso Governo estará ao lado de todos aqueles que desejam empregar seus esforços criativos no estreitamento econômico entre o Brasil e os demais países latino-americanos, porque sabemos que quanto mais próximos estivermos uns dos outros, nos planos político, econômico e cultural, mais enriquecidos estarão nossos povos e mais fortalecida estará nossa identidade.

No passado estivemos, nós, países da América Latina, de costas uns para os outros, contemplando nossas antigas metrópoles e os grandes centros da economia mundial. Mas um novo espírito ganhou nossas consciências. Agora estamos de frente uns para os outros. E sabemos que o destino da América Latina está em nossas mãos.

Da parte do Brasil, o Presidente da República está procurando fazer sempre o melhor, sabendo que de uma única coisa ele não tem o direito: é deixar de cumprir com o seu dever em qualquer circunstância.